

Blumenau em cadernos

TOMO XXXIII

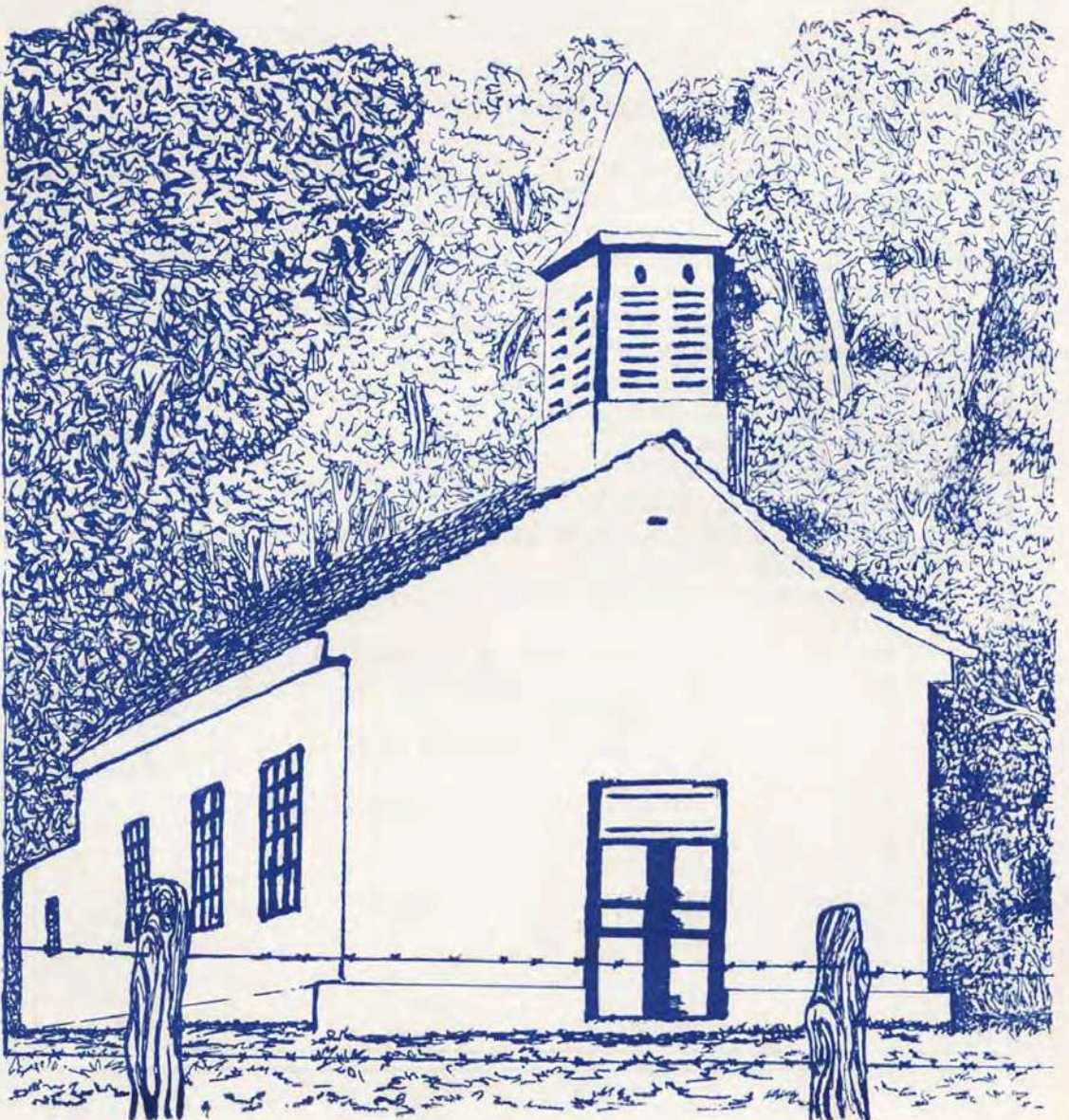
Junho de 1992

Nº. 6

PORTE PAGO

DR/SC

ISR-58 - 603/87



A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Sul Fabril S/A.
Herwig Shimizu Arquitetos e Associados
Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.
Casa Meyer.
ONEDA — Equipamentos para Escritório Ltda.
Casa Buerger Ltda.
UNIMED - Blumenau
Casa Flamingo Ltda.
Gráfica 43 S/A Ind. e Com.
Família Atilio Zonta

BLUMENAU

EM CADERNOS

TOMO XXXIII

Junho de 1992

Nº. 6

SUMÁRIO

Página

Figura do Passado — José Gonçalves	170
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. Rosa Herkenhoff	172
Discórdias entre brasileiros e alemães — Waldir J. Wandal	173
Faleceu Paul Schiller, um grande amigo de Blumenau	178
O Centenário da Indústria Têxtil de Brusque — Paulo V. Kons.	182
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	184
A Comunidade leta de Jacu-Açu — P. Dr. Henrique Krause	186
Ao Redor do Dr. Blumenau (II) — Theobaldo Costa Jamundá	188
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	190
Reminiscências Históricas em correspondência - Anna M. K. Garcia	192
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (VI) — Pe. A. F. Bohn	194
Notas à História de Jaraguá do Sul — Antônio Roberto Nascimento	196
Aconteceu... — Maio de 1992	198

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 20.000,00

Número avulso Cr\$ 1.000,00 — Atrasado Cr\$ 1.500,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) Cr\$ 35.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa: A primitiva capela Santa Isabel — Garcia - Jordão

Desenho: Elias Boell Júnior * Clichê: Gentileza da CLICHERIA BLUMENAU LTDA.

Irmã Marta Elisabeth Kunzmann

José Gonçalves

Com data do dia 12 de abril de 1961, publiquei, na minha crônica diária no jornal «A Nação», — BOM DIA PARA VOCÊ — um relato, embora suscinto, da vida e obra de Marta Elisabeth Kunzmann. Pelo que representa de valor para a nossa evolução histórica e da participação de pessoas como é o seu caso, na vida comunitária blumenauense, vou transcrever, hoje, o que foi escrito há mais de 30 anos, para deixar este registro nos anais de nossa revista. Eis o texto:

«BOM DIA PARA VOCÊ, Irmã Marta Elisabeth Kunzmann. É a você, venerando «Anjo Branco» do bairro do Garcia, que eu dedico, hoje, este meu Bom Dia.

Há 11 de outubro de 1901, no pequeno lugarejo da cidade de Pforstheim, Província de Stuttgart, na Alemanha, numa humilde residência do feliz casal Matteus e Maria Kunzmann, nascia uma linda criança que trazia consigo o mais sublime destino, traçado pela vontade de Deus, para servir aos seus semelhantes. Foi batizada com o nome de Marta Elisabeth. A menina cresceu cercada do carinho de seus pais, que souberam incutir-lhe no espírito infantil, o nobre sentimento de amor ao próximo.

Marta cresceu. Fez seus primeiros estudos, revelando-se, sempre uma aluna aplicada, para satisfação de seus professores e de seus pais. Sentindo, mais tarde, a vocação para a ordem religiosa, ingressou na Congregação de Keiserwerth, em Dusseldorf, onde

completou seus estudos, formando-se na especialidade de parteira, diplomando-se por aquela instituição de ensino. No dia 20 de março de 1930, designada pela ordem, chegava ao Brasil, contando a idade de 29 anos incompletos. Iniciou seus serviços em Blumenau, no mesmo ano, na casa de saúde conhecida por «Johannestift», hoje Maternidade «Elsbeth Koehler». Lá trabalhou durante 5 anos. Depois desse período, transferiu-se para a sede da Comunidade Evangélica do Bairro Garcia e, durante 26 anos, prestou seus serviços, num total de 31 anos dedicados ao bem da comunidade blumenauense.

Irmã Marta, sempre exerceu a profissão de parteira. No início de suas atividades, há 31 anos, os problemas de locomoção eram bem maiores. Não haviam boas estradas e não existiam automóveis com tanta facilidade como hoje. Utilizava-se dos meios que havia: viajava a cavalo, em carroça, charrete, bicicleta e mesmo realizando grandes jornadas a pé, para atender seus semelhantes. Nunca fez distinção, como não o faz ainda hoje, de cor, credo ou raça dos pacientes que precisavam de seus serviços. E quando o paciente não possuía recursos para pagar seus serviços, isso não era obstáculo para que seu trabalho fosse executado com o mesmo carinho e dedicação de sempre. E nesses casos de miserabilidade, ainda ajudava a família pobre, fornecendo roupas usadas e outros agasalhos,

retornando sempre ao lar atendido para verificar como passava o recém-nascido. E hoje, na era do jato e do automóvel, ainda vemos Irmã Marta Elisabeth, o Anjo Branco, como é distinguida pelos que lhe são gratos, utilizando sua velha e desgastada bicicleta para atender os que a procuram, levando no «guidon» do veículo a velha e surrada bolsa preta transportando os instrumentos necessários à sua profissão. E note-se: Irmã Marta Elisabeth já possui 60 anos de idade. Esses anos já estarão pesando bastante, porque sua vida, nos primórdios de sua atividade em Blumenau, há 31 anos, não foi fácil. Sob o sol causticante, a chuva fina ou torrencial, nunca deixou de cumprir com o seu dever humanitário, lançando-se a caminho para atender aos chamados, atravessando atalhos e picadas, enfrentando caminhos lamacentos, transpondo pinguelas perigosas, às vezes constituídas por um só tronco estendido sobre ribeirões ou grötões, para chegar ao destino. Mas nunca recuou. Jamais deixou de chegar ao local em que seus serviços eram reclamados. E quantas vezes Irmã Marta, depois de regressar de uma dessas longas caminhadas, não tinha tempo para descansar um pouco, porque, ao chegar, já encontrava outro chefe de família aflito, à sua espera, para que atendesse a outro parto. E isto, às vezes, mais longe e de mais difícil acesso do que o anterior. O descanso ficava para mais tarde. Irmã Marta seguia para a nova missão com a alegria íntima de poder continuar a ser útil a seus semelhantes.

Em algumas ocasiões acontecia que o chamado era de pessoa que não falava em alemão. E Irmã Marta quase nada entendia de por-

tuguês. Mas entendiam-se perfeitamente, porque, ela e a pessoa que a procurava, falavam a linguagem do coração. Não é preciso dizer que o povo mais humilde de Blumenau tem em Irmã Marta Elisabeth, como sempre teve, um anjo protetor para as suas horas de angústia.

Irmã Marta deveria, de acordo com o regimento de sua ordem, cumprir 25 anos de serviços. Já cumpriu 31. Agora, em fins de maio próximo, ela vai cumprir o dever mais sagrado de sua missão na terra. Retornará à sua cidade natal, na Alemanha, para assistir os últimos anos de sua querida mãe, dona Maria Kunzmann, de avançada idade.

Depois de haver ajudado a trazer ao mundo, pelo menos um quinto da população blumenauense, o Anjo Branco de Blumenau vai, agora, encher de alegria, os últimos dias daquela que lhe deu o ser e tornar mais fácil, mais feliz, a sua despedida deste mundo para a vida eterna.

É, pois, com emoção, que presto, nesta oportunidade, esta homenagem à veneranda Irmã Marta Elisabeth, homenagem na qual, estou certo, traduzo o desejo de milhares de famílias blumenauenses, que não podendo abraçá-la pessoalmente, dizendo cada uma tudo aquilo que sentem de carinho e gratidão pela sua missão tão bem cumprida, lhe enviam esta mensagem de coração, com os votos de feliz viagem e toda felicidade que se possa desejar nesta terra. Esta mensagem fica, pois, sintetizada, a Irmã Marta Elisabeth Kunzmann, neste meu «BOM DIA PARA VOCÊ!»

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do «Kolonie-Zeitung» (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 30 de abril de 1870

Ric de Janeiro, 12 de abril. — A febre amarela foi extinta, graças a Deus, mas a Capital do Império se encontra agora sob ameaça de um desastre econômico, atingindo principalmente o setor do comércio de café. É que este mercado se encontra completamente paralisado há um mês. Enquanto isso, o câmbio subiu a 23 «pences» — 1 milréis em Londres, e em consequência o café sofreu baixa de 15%. Como se isso não bastasse, nos chegam notícias desalentadoras da Europa, pois segundo tudo indica, o nosso estoque de café sofrerá um prejuízo de quase dois milhões e muita gente por isso tomará na cabeça.

Do dia 15 de abril em diante, entram em vigor diversas alterações nas tarifas de importação, publicados anteontem. Constam, em geral, de abatimentos sobre os atuais direitos alfandegários, e nos parecem razoáveis. A farinha de trigo, que pagava 1\$674 Réis baixou para 1\$340 Réis e assim vários artigos de primeira necessidade foram favorecidos.

Notícia de 14 de maio de 1870

Colônia Dona Francisca. — Segundo notícias provenientes de Antonina, Paraná, a febre amarela cedeu naquela cidade, depois de ter vitimado grande número de pessoas. Por exemplo, de uma família composta de 15 pessoas, faleceram 13, deixando ao desamparo dois filhos menores. Dos imigrantes alemães, antigamente radicados em Dona Francisca, faleceram o marceneiro Kùchler e o colono Schlottag Jr., enquanto o Dr. Lahife, médico alemão, dado como falecido, continua gozando de boa saúde. O referido médico prestou enormes serviços no combate à epidemia, salvando inúmeros doentes.

Notícia de 14 de maio de 1870.

Dona Francisca. — O fabrico de polvilho de araruta desta colônia vinha sofrendo certa estagnação, devido ao aviltamento de preços nos mercados do Rio de Janeiro e de Santos. Agora porém, se abrem novas perspectivas, com a exportação para o além-mar. De Viena, (Áustria) e de São Petersburgo (Rússia) têm chegado pedidos de informações e ofertas, que prometem bom mercado naquelas duas cidades. O polvilho de araruta fabricado em Joinville, segundo a opinião de vários peritos europeus, é equivalente ao produto das Ilhas Bermudas, considerado até agora o melhor polvilho existente, e por isso seria de lamentar, se a fabricação, que já tem proporcionado bons lucros à nossa Colônia, caísse em decadência.

Notícia de 14 de maio de 1870

Dona Francisca. — Foi aberto, entre as ruas do Meio (atual rua Quinze de Novembro) e Cachoeira (atual Princesa Isabel), um caminho público, para pedestres e cavaleiros semelhante à passagem já existente entre as ruas do Meio e do Porto (atual Nove de Março). Essa passagem é de enorme utilidade para o trânsito nas duas vias públicas.

DISCÓRDIAS ENTRE BRASILEIROS E ALEMÃES

(Continuação do nº. anterior)

Waldir J. Wandal

Os fanáticos mencionados pelo Professor Max Humpl nada mais eram do que os integrantes dos grupos de guerrilheiros atuando na região do Contestado, aquele episódio ocorrido entre os fanáticos seguidores do Monge José Maria, que defendiam as terras norte catarinenses e sul paranaenses e as forças legalistas federais, por não terem sido, ainda, definidas as fronteiras entre os Estados de Santa Catarina e Paraná, ceifando vidas preciosas numa luta fratricida inútil.

Mas, já que havíamos iniciado a falar da Primeira Guerra Mundial, vamos transcrever um trabalho de Victor Lukas, cujo autor faz esta advertência logo no início: «a história que agora vamos ler não é minha, nem fantástica, mas real, vivida pelo povo de Blumenau nos idos de 1915. Ela foi-me revelada por um amigo meu, já falecido, o qual, pressentindo sua prematura morte (câncer) pediu nos últimos dias de sua vida para que fosse vê-lo, pois desejava fazer-me uma revelação, relacionada com a sua cidade natal, Blumenau, esta linda e pitoresca «cidade jardim», plantada às margens do Itajaí, entre as emboCADURAS dos ribeirãoS Velha e Garcia».

Quer nos parecer tratar-se de mais um dos exageros praticados pelos germânicos, dentre tantos havidos de ambas as partes, mas que serviram para exacerbar os desentendimentos entre alemães e brasileiros. Mas, segundo Victor Lukas, «a história que agora revelaria se relaciona com o que se

chamava, na época, de «Der Eiserne Wehrmann» ou seja: o Sentinela de Ferro. Este Sentinela, esculpido em madeira de cedro pelo renomado escultor ricsulense Teichmann, não era nada menos que o próprio Rei da Prússia e Imperador da Alemanha, de Bismarck, o todo poderoso Guilherme II, pela graça de Deus!»

Daqui para frente vamos apenas transcrever as palavras de Victor Lukas, abstendo-nos de qualquer comentário. «Com Guilherme II, redivivo, abrir-se-ia uma campanha em Bulmenau e nos demais núcleos da velha colônia, para angariar fundos para auxiliar os irmãos que sangue que, na velha pátria, do outro lado do mar, estavam envolvidos numa guerra que não desejavam, tão estúpida quanto terrificante.

Diante desta terrível angústia experimentada pelos irmãos do outro lado do Atlântico, Blumenau, que tantos benefícios recebera poucos anos antes, por ocasião da catástrofe de 1911, não podia, como boa filha, ficar alheia à grande Odisséia que vivera nestes trágicos anos a velha mãe-pátria. Movimentara-se para ir em auxílio dos irmãos aflitos. Como não era possível fazer-se presente com um Corpo de Voluntários — o Brasil ainda se encontrava fora do conflito — haveria de, pelo menos, dar sua demonstração de solidariedade. E o fez de maneira bastante ostensiva, em forma de remessas de dinheiro coletado entre o povo de Blumenau.

Inicialmente, foi nomeada uma Comissão que responderia pela coleta. Ela também estabeleceria as regras sob as quais haveria de dar-se esta coleta em dinheiro. Esta forma de coleta era um tanto original, pois era feita mediante a aplicação de tachas no corpo do «Eiserne Wehrmann», começando com as de ferro, cobre, níquel, indo até o ouro que logicamente, tinha o seu preço (de contribuição). Desta forma este «Sentinela de Ferro» era levado para exposição em todas as oportunidades, principalmente nas festas populares, dando assim ao blumenauense oportunidade de mostrar seu fervor patriótico de forma bastante visível, pregando no corpo do importante personagem uma tacha com o que dava a conhecer o seu tributo voluntário para a causa comum.

Ao correr dos dias este «guerreiro», formidável e imponente, se vestira com um vistoso colete, não de prata e muito menos ouro, mas de ferro, dada a modesta contribuição deste tipo de tachas. O ouro só aparecia em um ou outro caso em forma de botões, um tanto vistosos, embora raros, no colete, pois poucos eram aqueles que se dispuseram a aplicar este tipo de tacha, pelo elevado de sua contribuição. Mais duro que o ferro, revelara-se o próprio colono, que dificilmente ia além do cobre.

Este imponente e formidável «Wehrmann» ia aos mais recônditos lugares, sempre acompanhado pela Comissão, que não poupava palavras para exaltar a necessidade de auxiliar os irmãos que lutavam contra um mundo em armas. Não é preciso dizer que muitos bons brasileiros (lusos) davam a sua tachinha, uma forma simbólica para demonstrar sua solidariedade com o grupo ou meio, no

qual viviam e perfeitamente se entendiam. Tudo ia as mil maravilhas e a vestimenta do muito admirado Rei e Imperador ia aumentando gradativamente até que um belo dia o Brasil, atingido na sua soberania, fora envolvido na deplorável carnificina.

No exato momento da declaração de beligerância por parte do Brasil, este famoso e festejado «Eiserne Wehrmann», símbolo de um amor fraternal do homem de Blumenau, foi colocado no fundo de uma carroça, de propriedade do cidadão Aliredo Brattig, e levado, coberto de samambaia para a região de Timbó ou Benedito Novo, desaparecendo, desta forma, da vista das autoridades brasileiras que, dentro do papel de mantenedores do respeito ao decoro nacional, ordenaram uma «rigorosa» busca, a fim de localizar este famigerado personagem, para depois responsabilizar os autores desta não menos original façanha. As buscas, entretanto, resultaram infrutíferas e os encenadores desta campanha continuam impunes, como era de esperar e compreender, até hoje».

A 26 de outubro de 1917, o Brasil declara guerra à Alemanha, em virtude do «afundamento do vapor brasileiro «Macau», torpedeado pela marinha alemã, no Golfo de Biscoia», segundo nos informa José Ferreira da Silva. Então, como consequência de tal ato, o governo federal inicia uma série de restrições ao que se praticava no país, em idioma germânico. «Foi proibida em todo território nacional a publicação de jornais, outros periódicos e livros em língua alemã». Como os dois jornais editados em Blumenau eram redigidos no idioma germânico, surgiram alguns problemas.

O «Blumenauer Zeitung», com seu nº. 84, do 36º. ano encerrou sua circulação. Em seu lugar surgiu «Gazeta Blumenauense» em cujo primeiro número, justificando o desaparecimento da edição em alemão, alega cumprir as exigências das autoridades brasileiras enquanto comunica: «acatamos prontamente esta determinação do nosso governo, não deixando sair a edição de terça-feira, que já se achava pronta». Também na mesma data foi suspensa a circulação do «Der Urwaldsbote» de nº. 34, correspondente ao 25º. ano de publicação, surgindo em seu lugar o «Commércio de Blumenau».

No tocante às escolas particulares existentes em Blumenau, nas quais ministravam-se aulas em idioma alemão, o que já ocasionara vários e acalorados desentendimentos jornalísticos, vejamos o que fala a este respeito o Professor Herbert Koch, tendo este vivido em Blumenau pela época em análise: «declarada a guerra, a ordem de fechar as escolas alemãs, foi em todo o Brasil, mas em nenhum lugar com menos piedade, que no município de Blumenau, e em nenhum lugar encontrou tanta oposição como aqui. Em todo o município só existiam 5 escolas estaduais; como um relâmpago, mais de cinco mil crianças foram obrigadas a pegar férias por tempo indeterminado.

O governo sempre teve grandes dificuldades em preencher os cargos das suas escolas e isto, de imediato, para cinco mil crianças em «escolas» que estavam distanciadas mais de 100 km e insupportáveis. era sua solidão. Assim foi achada uma solução: o diretor da escola do governo de Blumenau, Carlos Techentin, organizou cursos pagos pelo governo, para que os professores que perderam o em-

prego, pudessem aprender o vernáculo. Cada semana 10 professores foram examinados, aprovados e em pouco tempo podia ser comunicado ao governo, que em todas as escolas alemãs, só lecionavam professores, que no exame mostraram conhecer suficientemente a língua portuguesa e que prometeram lecionar nesta. O governo de Florianópolis era prudente demais, deixando de lado qualquer controle».

Segundo nos informa Richard O. Dalbey: «como consequência da Grande Guerra, todas as escolas alemãs foram fechadas temporariamente e o governo brasileiro, tendo de encarar pela primeira vez a tarefa inevitável de tentar amalgamar suas «ilhas de cultura» estrangeiras, começou aos poucos a fazer modestas tentativas para o estabelecimento de uma espécie de escola pública nas regiões alemãs».

Enquanto a guerra se desenrolava pela Europa, aqui no Brasil elementos mais extremados procuravam criar movimentos para se acabar não só com o ensino da língua germânica, mas, principalmente evitar que se falasse em público, até mesmo no lar, esse idioma. Foi quando o Capitão Vieira da Rosa, um militar ilustre daqueles tempos, foi à imprensa a fim de manifestar a sua opinião sobre o assunto. Em 6 de agosto de 1915, Vieira da Rosa publica o seguinte:

«Na faina inglória e impiedosa de achar mau, sistematicamente, tudo que é teuto, alguns de nossos patricios, cegos pelo rancor que eles mesmos não explicam, apregoam que o alemão e seus descendentes recusam a aprendizagem do vernáculo, o que é uma mentira torpe, uma aleivo-

sia sem nome. Nenhum, pelo menos aqui, se recusa aprender nosa língua, e se não a conhecem é simplesmente porque a ocasião de familiarizarem-se com ela jamais se apresentou. Tenho a obrigação de acreditar na sinceridade de todos, e quando um colono lamenta que seu filho não possa aprender o idioma do país, seja ele alemão, polaco ou italiano, estou certo de que fala sinceramente, porque, é óbvio, ele bem sabe que, quem fala duas línguas vale por dois».

Na seqüência, Vieira da Rosa, fala sobre o isolamento do alemão, desde que chegou ao Brasil e que isto poderia levá-lo a desprezar tranquilamente o seu idioma. No entanto, não é assim que age, porque acredita poder cultivar os dois idiomas sem qualquer constrangimento, tornando-se simpático entre os que com ele convivem». E continua Vieira da Rosa: «essa simpatia é justificada pela presença de muitos descendentes de alemães que pelo seu proceder correto, respeitoso, souberam se impor na opinião pública, chamando a atenção para a sua raça.

Não há aqui quem não conheça essas famílias alemãs, verdadeiros brasileiros pela língua, pelos costumes e pelo sentimento. E o que significa este fato, que é sem conteste, a prova em contrário do que se apregoa, da repulsa alemã pela nossa língua? Significa apenas que, pelo fato de se acharem de continuo com brasileiros de outras procedências, não só aprenderam o vernáculo, mas esqueceram a língua de seus pais, o que acho francamente censurável.

Eu sou brasileiro e não admito que nenhum outro seja-o mais do que eu, mas na minha casa, inter-muros, só se fala o alemão, a fim de obrigar meus filhos à práti-

ca de uma língua que lhes facilitará a vida futura e o conhecimento das belezas de Goethe, Schiller, Uhland e tantos outros sábios, poetas e artistas. Aprenderão o francês, a fim de que se habilitem a ler na própria língua os notáveis autores da velha e simpática França.

E por pensar assim, acho que aqueles colonos que esquecem a língua de seus pais, têm cometido não um erro, mas um crime. Mas, na observância desses fatos, se por um lado achamos maus, por outro deixamos de regozijarmos porque são o desmentido cabal da propaganda má, venenosa, que por aí se faz, contra um elemento ao qual só o bem devemos».

Apesar das afirmações do Capitão Vieira da Rosa, os desentendimentos entre brasileiros nativistas e imigrantes alemães e seus descendentes aumentam. Principalmente com o ocaso da Primeira Grande Guerra, ficando a Alemanha em posição de inferioridade no rol das nações, daquela época, enquanto o Brasil encontrava-se entre os vitoriosos, não pouparam os nativistas o elemento teuto esta condição pouco confortável em que se encontrava momentaneamente a Alemanha.

Mas, alguns anos após o término da Primeira Guerra Mundial, as lutas de classes sociais deram origem ao aparecimento de governos totalitários, dentre eles o «comunismo» na Rússia e o «fascismo» na Itália. Contudo, as crises econômicas abatendo-se sobre os Estados europeus foram influenciando ainda mais as classes proletárias européias, as quais, em última análise, eram as que mais sofriam devido ao desemprego e o conseqüente empobrecimento das famílias de operários, donde surgiram movimentos rebeldes cu-

Os líderes objetivavam mais ascender ao poder absoluto do que, em verdade, propiciarem melhores condições de vida aos assalariados.

E tais movimentos espalharam-se não só pela Europa, mas também vieram ter no Brasil, conforme palavras de Richard O. Dalbey: «como consequência da 1ª. Guerra Mundial, os acontecimentos que se estavam desenrolando no Velho Mundo, principalmente o sucesso do totalitarismo europeu, serviram para reabastecer o ressurgimento do nacionalismo no Brasil. Os anos de após-guerra também instigaram o antagonismo político e social a dimensões nunca antes conhecidas na história brasileira, na medida em que vários processos de radicalização e reação corroíam a estrutura política do país. Foi nesse clima que se alimentaram as principais doutrinas do nazismo e outros movimentos».

Para entendermos melhor as palavras de Richard O. Dalbey, achamos importante deter-nos na década de 1920, quando o Brasil ainda nem de perto sonhava com a implantação da indústria em seu território. Os mesmos procedimentos econômicos praticados no período imperial, mantinham-se na década em análise por uma razão facilmente explicável. Com a Proclamação da República, ascendeu ao governo federal as classes produtoras, isto é, os latifundiários, tendo como representantes os militares ou por estes apoiados. Evidente o desinteresse pela industrialização, pois, a agricultura exigia menos investimentos e não obrigava o pagamento de altos salários, muito menos a fazer gastos com especialização da força de trabalho.

Tal prática econômica jamais possibilitou aos trabalhadores rurais, conhecerem outras oportunidades de trabalho. Sentiam-se felizes os brasileiros, os mamelucos e luso-brasileiros, estes últimos mais voltados para a exploração pesqueira. No entanto, os imigrantes, de modo especial os teuto-brasileiros, buscavam desenvolver as suas atividades atraindo investimentos capazes de criarem uma infraestrutura possibilitadora da introdução da indústria. Aqui em nosso meio, mesmo antes da virada do século XVIII, alguns empreendimentos já existiam: a Tecelagem do Garcia, a «Trikotwaren Fabrik Gebrüder Hering», a Roeder, Karsten e Hadlich além de pequenos empreendimentos mais voltados para a indústria de laticínios.

Ao começar os anos de 1900 o problema dos transportes mereceu a prioridade máxima, no sentido de se possibilitar um escoamento mais rápido e menos oneroso das riquezas produzidas. Surgiu, então, a «Santa Catharina Eisenbahn Gesellschaft». Também o fator energético esteve dentro da prioridade máxima da expansão e do desenvolvimento do então grande Município de Blumenau, pois, na segunda década do século XIX já contava este Município com sua hidrelétrica do Salto. Tais ações eram todas, ou quase todas, apoiadas por tecnologia européia (alemã) além de contarem ainda com a participação de investidores também germânicos.

Diante do até aqui exposto, parece já se poder levantar duas divisões da obtenção do Produto Interno Bruto brasileiro, nos alvares do século XIX. Uma primeira englobaria os Estados nordestinos, da Bahía até os Estados do Norte e terminando no Pará, onde pratica-

mente a agro-pecuária com destaque para a lavoura canavieira e a criação de gado bovino e búfalos dominavam. Atrrelados a esta divisão encontramos os Estados de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e parte do ex-Mato Grosso (hoje Mato Grosso do Sul), cuja cultura básica, o café, constituía-se no primeiro, e talvez o único, produto de exportação produzido pelo país, naqueles tempos.

Já os três Estados do Sul: Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, cujos desenvolvimento e expansão deveram-se aos imigrantes, principalmente alemães e italianos, diversificaram as atividades produtoras em agricultura (Paraná), em indústrias (Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e pecuária (Rio Grande do Sul e Santa Catarina). Assim, desde há quase cem anos as Regiões Sul e Sudeste do Brasil, passaram a se desenvolver mais rapidamente, atingindo a evolução constatada em nos-

sos dias. Apregoam, inclusive, constituírem-se estas duas regiões no chamado «Brasil rico».

Mas, já que devemos analisar melhor a década 1920 a 1930, notamos aí a grande predominância política do eixo Rio-São Paulo, por ser este o celeiro mundial da produção de café e o outro a Capital da República. Por tal motivo ditavam a política econômica os latifundiários paulistas, aliados aos políticos do Rio de Janeiro e aos agro-pecuaristas mineiros, formando um quase imbatível bloco político. Paraná e Santa Catarina, como acontece ainda hoje, não representavam uma ponderável expressão política. Já o Rio Grande do Sul era dotado de expressivos líderes políticos, porém, sem muita chance de dobrar o bloco paulista-carioca / fluminense-mineiro. Como o bloco sulista, também o nordestino tinha pouca influência, naquele tempo.

(Continua)

Faleceu Paul Schiller, um grande amigo de Blumenau

O prefeito prof. Victor Fernando Sasse recebeu de Wunstorf/Alemanha a triste notícia do falecimento inesperado do sr. Paul Schiller.

Faleceu em 8 de março de 1992, com a idade de 57 anos. Durante mais de 20 anos prestou relevantes serviços à sua cidade: Escritor — historiador — presidente do partido CDU (União Democrática Cristã), foi eleito vereador por diversos períodos.

Em nosso meio era conhecido como autor do livro «Festas do Tiro ao Alvo». A história das tradi-

ções das Sociedades de Tiro ao Alvo, que em Wunstorf era preservada há mais de 300 anos. Foi em outubro de 1987, que Blumenau recebeu, por doação, 40 destes livros do próprio autor Schiller. Estes livros foram distribuídos na ocasião entre as escolas do ensino do idioma alemão. Uma segunda doação de 6 livros foi entregue em janeiro de 1992 à Sociedade Alvorada de Itoupava Central, por ocasião de sua Festa de Rei.

O prefeito Sasse convidou o senhor Paul Schiller para visitar Blumenau e fazer uma série de pa-

lestras sobre as tradições das Sociedades de Tiro ao Alvo da Alemanha.

Em 28 de fevereiro de 1992 o sr. Schiller enviou ao sr. Alfredo Wilhelm (correspondente em idioma alemão do Gabinete) uma significativa remessa de material de Informação sobre a cidade de Wunstorf especialmente com referência às tradições das Sociedades de Tiro ao Alvo de Wunstorf.

Entre o material entregue ao Prefeito, destacamos o seguinte: 10 livros «Festas do Tiro ao Alvo de Wunstorf»; 9 edições especiais (89/90/91) do Wunstorfer-Journal» (jornal oficial da Festa Municipal de Tiro ao Alvo); 3 livros «Morar e Viver em Wunstorf; uma série de fotografias (com legendas) sobre as Festas de Rei; 1 cartaz oficial da Festa-91 e outras publicações.

Todo o material foi transferido para o Arquivo Histórico «Prof. José Ferreira da Silva», da Fundação «Casa Dr. Blumenau», onde se encontra à disposição dos que desejarem pesquisá-los.

Segundo o sr. Wilhelm, uma importante e interessante carta do sr. Schiller acompanhou a remessa de Wunstorf.

Duas semanas depois de o volume ser despachado (via marítima), o senhor Paul Schiller veio a falecer.

Uma cópia de sua carta histórica acompanhará a mensagem do prefeito Sasse ao sr. Friedhelm Meine, prefeito da Cidade de Wunstorf.

Deve ser com certeza a última carta de sua vida, escrita a um amigo no exterior.

Eis a íntegra da importante carta enviada por Schiller pouco antes de sua morte prematura:

«Ilmo. Snr.

Alfredo Wilhelm

Caixa Postal, 507

89001 Blumenau-SC - Brasil

Wunstorf, 26 de fevereiro de 92

Prezado senhor Wilhelm!

O meu «muito obrigado» pelas suas amáveis linhas e pelas informações sobre a cidade de Blumenau, com data do início deste ano.

Eu me sinto muito honrado e de maneira toda especial, até parece, que eu sou mais conhecido na Blumenau/Brasil do que na Blumenau/Wunstorf.

É considerável os laços que unem a sua cidade à Alemanha e o esforço empenhado em preservar antigas tradições germânicas. Também os meus amigos dos Clubes de Caça e Tiro foram impressionados com a sua exposição e juntos resolvemos cuidar, para que um pouco do culto das nossas tradições lhe será transmitido. Será o nosso objetivo incentivar e melhorar as relações entre as nossas duas cidades.

De início gostaria de dizer-lhe que eu me senti extraordinariamente honrado com o seu convite, mas que neste ano será impossível eu planejar uma viagem ao Brasil. Para aproveitar bem a grande distância que nos separa, seria errado, uma viagem planejada somente para alguns dias.

Certamente precisaria de mais tempo para conhecer um pouco mais do seu país, do qual muito já li e ouvi. Estou certo que o senhor compreenderá a minha posição. Justamente este ano a situação do nosso país (com muito trabalho na ex-RDA) exige muito de mim, de maneira que tenho — mal e mal — tempo para o lazer ou para descansar.

Porém é nosso intuito apoiar a sua solidariedade com a sua antiga pátria, remetendo-lhe uma porção de informações sobre Wunstorf e a nossa «Festa dos Atiradores», que justamente aqui tem uma tradição extraordinária.

Anualmente, por ocasião da «Festa dos Atiradores», é editado um grande jornal comemorativo. Junto a esta seguem diversos exemplares dos últimos anos.

Este jornal informa sobre tudo o que aconteceu — durante este ano — nos grupos e sociedades ligados às tradições dos atiradores. Reportagens e fotografias das festas anteriores são publicadas — animando a população a participar das festas do ano corrente. Editor deste jornal é a «Comissão Municipal das Festa dos Atiradores», que por outro lado é integrante da Câmara dos Vereadores da cidade.

Além disso, consegui para o senhor uma série de fotografias do nosso fotógrafo oficial — fotografias de Festa de Atiradores — dando-lhe uma visão dos acontecimentos da festa. Junto também as legendas para estas fotografias.

Remeto-lhe também mais 10 exemplares do meu livro «As Festas dos Atiradores» de Wunstorf e mais um cartaz da última festa.

Espero que o senhor se interesse por todo este material.

Mas agora gostaria de lhe contar algo sobre a minha pessoa e minha afinacão com a Festa de Atiradores de Wunstorf.

Nasci, há 57 anos, na Cidade de Hannover, conhecida como o «Centro» das tradições da Festa dos Atiradores da Alemanha. O meu avô, durante longos anos, foi membro da Sociedade dos Atiradores mais antiga de Hannover e atirador esportivo, participante dos

campeonatos da Alemanha. Herdei dele os seus troféus e suas medalhas conquistadas.

Foi a minha esposa que me atraiu para Wunstorf e hoje — após 35 anos — me sinto um autêntico «wunstorfeano».

É na Cidade de Wunstorf, que a Festa dos Atiradores é festejada de maneira toda especial. Aqui não são as sociedades ou a federação dos atiradores, mas sim a própria administração da cidade — há mais de 300 anos — é que organiza a festa e convida todos os cidadãos a participar.

A Cidade de Wunstorf, resistindo à pressão dos imperadores, dos reis e de outros poderosos, soube preservar a sua tradição, enquanto ao redor dela, todas — também Hannover — perderam a sua ligação íntima à sua cidade.

Agora mesmo, durante a última sessão da Câmara dos Vereadores, o vereador e presidente do SPD — de profissão pastor (em exercício) — foi eleito comandante do Desfile Municipal dos Atiradores. Este fato demonstra que, quando se trata da Festa dos Atiradores, não existe rivalidade política.

Mas voltando à minha pessoa: Em certa época, como hanoverano, tive de me confrontar com a Festa dos Atiradores de Wunstorf, tornando-me membro da Companhia dos Cidadãos «Altstadt» — a companhia com as tradições mais antigas. Tornei-me ajudante e capitão do comitê da companhia e desde 1977 sou o presidente desta companhia de cidadãos.

Como vereador da cidade me tornei, em 1972, comandante do Desfile Municipal da Festa dos Atiradores sendo assim, há muitos anos, membro do Comitê Municipal da Festa dos Atiradores. Anual-

mente a companhia Alts tadt vem se esforçando em entusiasmar mais cidadãos de Wunstorf para a Festa dos Atiradores, e, após todos estes anos, este empenho se tornou uma parte de minha vida.

De 1965 em diante tomei parte da política comunal, sendo em 1909 eleito vereador. Fui vice-prefeito da cidade e por 10 anos prefeito-local do bairro de Wunstorf. Presidente da fracção da CDU e presidente do partido; hoje pertença como membro ao Conselho Municipal da cidade.

Após as últimas eleições que mudaram toda a situação política, não sou mais o prefeito-local do Bairro de Wunstorf. Mas isto não altera o meu empenho pela minha cidade e seus cidadãos.

Também o prefeito-local de Blumenau/Wunstorf mudou. Wilhelm Wegener se aposentou politicamente. Hoje o senhor Wilhelm Koch é o novo prefeito-local de Blumenau/Wunstorf.

Preciso falar-lhe também de outros contatos diferentes com a Blumenau/Brasil. Tive contatos muito bonitos com os nossos vizinhos de Wunstorf.

Foi o senhor Hermann Brandes e sua irmã a senhora Rudolf, que constantemente me falaram do tempo maravilhoso que eles viveram em Blumenau. A única pessoa desta família, ainda viva até hoje e que mora na minha vizinhança direta, é o dono da casa de enxaimel mais bonita de Wunstorf.

Tempos atrás verifiquei com um

sócio comercial, que este também tinha uma relação toda especial com a Blumenau/Brasil.

Ele é membro da direcção dum empresa para a qual eu trabalho já há 15 anos. O senhor Hans Bethe me contou acerca de suas diversas viagens a Blumenau. E como ele gosta de visitar esta cidade!

Talvez o senhor ouviu falar neste nome?

Sendo assim, o senhor pode verificar, que existem uma porção de motivos que me ligam a Blumenau/Brasil.

Não descarto a possibilidade de algum dia visitar a sua belíssima cidade. Mas, através dos contatos com o senhor, talvez pudéssemos levar outras tradições germânicas a Blumenau e em contrapartida, trazer tradições brasileiras a Wunstorf.

Também gostaria de saber — e transmitir estes conhecimentos aos meus conterrâneos — como é que se vive lá em Blumenau, e esforçando-se para preservar os costumes germânicos.

Tenho boas relações com a imprensa local, permitindo-me desta maneira, uma grande publicidade.

Gostaria de saber a sua opinião a respeito.

Favor transmitir também ao prefeito de sua cidade as minhas mais cordiais saudações.

ass. Paul Schiller».

(Tradução do alemão:

25.4.92 - Alfredo Wilhelm)

DOAÇÃO DE FOTOS HISTÓRICAS

O Arquivo Histórico «Prof. J.F. da Silva», desta Fundação, acaba de receber, das mãos do nosso prezado colaborador Theobaldo Costa Jamundá, três fotos históricas que serão catalogadas no acervo: Uma do edifício da Sociedade Guarani. Uma do porto de Itajaí e uma da primitiva Igreja de Itajaí. São todas oferecendo imagens do começo do século. Gratos pela doação.

Ó Centenário da Indústria

Têxtil de Brusque

Paulo Vendelino Kons

A industrialização de Brusque iniciou-se com a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux, fundada a 11 de março de 1892. A indústria pioneira iniciou suas atividades com cerca de 8 teares manuais, instalados dentro do depósito de mercadorias do comerciante Renaux, à Rua Barão de Ivinheima — atual Avenida Cônsul Carlos Renaux.

Participaram da fundação da Fábrica, além de Renaux, Paul Hoepcke (comerciante em Desterro — hoje Florianópolis) Augusto Klappoth (agricultor e comerciante) e tecelões provenientes da região têxtil de Lodz, na Polônia.

Os imigrantes da região de Lodz não tinham experiência no trabalho agrícola. Haviã emigrado por causa das más condições de trabalho e por constituírem uma minoria étnica (eram de origem alemã, vivendo numa região da Polônia sob dominação russa, sofrendo diversas restrições de ordem política e social). Os lotes recebidos, na região de Brusque, eram inadequados para práticas agrícolas. A aceitação de trabalho assalariado nos empreendimentos têxteis deveu-se, então, ao insucesso na atividade agrícola e ao conhecimento da técnica de transformar fios de algodão em tecidos.

Há menos de uma década da instalação do Município (8 de julho de 1883) e ressentindo-se dos conflitos ocasionados pela derrubada do Regime Monárquico e ascensão do Republicano, Brusque — então São Luiz Gonzaga — tinha sua economia ligada aos engenhos de farinha e açúcar, às atafonas, à manufatura de charutos, à produção de banha e cachaça, à exploração da madeira e a outras atividades agrícolas, pastoris e de exploração.

A primeira iniciativa para produção de tecidos, em Brusque, ocorreu com a contratação do tecelão Jankowsky, pelo comerciante João Bauer, em 1890.

A indústria pioneira produzia tecidos rústicos, que eram vendidos localmente.

Também provinda de uma casa comercial (somente os comerciantes, na estrutura econômica local de então, possuíam capital acumulado suficiente para — com algum auxílio outro — iniciarem um empreendimento fabril), Eduardo von Buettner inicia a Fábrica de Bordados Finos a 9 de fevereiro de 1898, constituindo-se na primeira indústria a fabricar bordados no Brasil.

O slogan do 1º. Centenário de Brusque, de autoria do sacerdote e cientista Raulino Reitz, «Brusque, Berço da Fiação Catarinense» deveu-se a ser a Fábrica Renaux a primeira indústria a instalar uma fiação em Santa Catarina, no ano de 1900.

A terceira empresa têxtil a se instalar — das ainda existentes — foi fundada por Gustavo Schlösser e seus filhos Hugo e Adolfo, a 1º. de

janeiro de 1911. A Gustavo Schlösser & Filhos produziu, inicialmente, artigos populares que eram vendidos na região.

Com o advento da energia elétrica, em 1913, ocorreu a modernização das instalações das indústrias têxteis de Brusque.

A indústria têxtil, antes do seu maior desenvolvimento, não alterou fundamentalmente a pequena produção camponesa.

Em 1918, a razão social do empreendimento gênese na região do Vale do Itajaí Mirim, modificou-se para Fábrica de Tecidos Renaux Sociedade Anônima.

A Indústrias Renaux S.A. iniciou sua produção, com 18 teares «jacquards» para fabricação de cortinas, a 27 de abril de 1925, sendo responsáveis pelo início das atividades os fundadores: Fábrica de Tecidos Renaux S.A., Fernando Boettger, Georg Boettger, Aloys Moritz, Guilherme Niebuhr, Luiz Strecker e Otto Neitsch.

A partir de 1930, o crescimento da indústria têxtil de Brusque se acentuou, ocorrendo aumento acentuado da demanda de mão-de-obra.

A organização Schlösser modificou sua razão social para Companhia Industrial Schlösser, em 1933.

Em 1935, a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S.A. possuía, em três unidades fabris, 294 teares — representando a expressiva participação de 21,85 por cento dos teares do Estado de Santa Catarina — e 649 trabalhadores, com um percentual de 22,50 por cento do total da mão-de-obra empregada no ramo têxtil do Estado.

No mesmo período, a E. von Buettner & Cia. empregava 130 operários e possuía 32 teares.

A Indústrias Renaux S.A., com apenas uma década de existência, possuía 42 teares e empregava 120 trabalhadores.

Ainda em 1935, a Companhia Industrial Schlösser possuía 24 teares e contava com mão-de-obra empregada no número de 37 operários.

A Segunda Guerra, de modo geral, propiciou prosperidade para a indústria têxtil local; que passou a contar com um mercado disposto a pagar os elevados preços dos seus produtos, ocasionados por um maquinário obsoleto e desgastado.

A transformação da organização Buettner em Sociedade Anônima, deu-se somente em 1952, passando a denominar-se Buettner S.A. Indústria e Comércio.

A data de 11 de março do presente ano reveste-se, portanto, de um caráter singular. Marca um século da principal atividade econômica do Vale do Itajaí Mirim. A industrialização têxtil transmudou a geografia econômica e social das ex-colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro, Freguesia e Município de São Luiz Gonzaga e, a partir de 17 de janeiro de 1890, Brusque.

(Paulo Vendelino Kons, é coordenador do Museu e Arquivo Histórico do Vale do Itajaí Mirim — Casa de Brusque e editor da Revista "Notícias de Vicente Só, BRUSQUE ONTEM E HOJE")

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

ATÍLIO ZONTA

Supressão do Distrito de Ascurra em 5 de outubro de 1929;

Criação do Distrito de Arrozal;

Instalação de energia elétrica em julho de 1931 e, Restabelecido o Distrito de Ascurra.

Ao correr as linhas destas reminiscências, observa-se que, de maneira sucinta, foram ressaltadas as atividades políticas dos representantes de Ascurra, frente à Superintendência e ao Conselho Municipais de Blumenau, dos quais, esse distrito se encontrava dependente até o ano de 1934. Sem dúvida, os próceres políticos locais, em sua maioria, não foram tentados pela ambição de permanecer nos cargos que haviam galgado, por mais de um quadriênio, mesmo porque, Bonetti e Isolani, tinham assumido os Correios e Telégrafos e a Intendência Distrital, respectivamente, e na oportunidade, tomaram o compromisso de não mais voltar a vincular-se à política para concorrerem a cargos eletivos. Outrossim, continuaram a defender os interesses da coletividade econômica e social de sua terra, porém, com menos entusiasmo de outrora. Não mais se submeteram a novos pleitos embora tivessem, ambos os líderes, como certa a reeleição. É de se lamentar, entretanto, que os dois chefes políticos da região, juntamente com os demais correligionários, não empreenderam um trabalho de instruir pessoas que pudessem sucedê-

los no Poder Legislativo do município, ou escolher outras, com capacidade para atuar, defender e representarem condignamente a sua terra e sua gente, junto ao Governo Municipal de Blumenau. Em consequência, o distrito durante essa ausência de liderança, fora perdendo sua força, poder e influência perante os órgãos daquela administração. Se tivesse, pois, o próprio representante poderia exigir benefícios, e imprimir um desenvolvimento mais acelerado de sua região. É, também, passível de crítica a falta de empenho dos próceres acima euniciados por não terem, ao menos, apresentado, embora inexperiente, um candidato nos pleitos que se feriram nos dois quadriênios, 1923/1927 e 1927/1930, ficando essa próspera região, sem conselheiro durante dois períodos legislativos, ou seja, por oito anos consecutivos.

Rodeio, distrito limítrofe, por seu turno, elegeu o candidato para o legislativo municipal, com significativa soma de votos e grande parte desta, sufragada pelo eleitorado de Ascurra, guindando ao Conselho do Município, o rodeense, Sílvio Scoz. Homem dinâmico.

atuante e escudado no prestígio que acumulou ao longo de sua carreira, sempre foi admirado pelo trabalho exercido em benefício da coletividade, haja vista, ter conseguido eleger-se nesses dois pleitos com expressiva vantagem sobre os demais concorrentes. Durante os dois períodos de legislatura, defendeu com muita propriedade as reivindicações da própria comuna, trazendo-lhe inúmeros benefícios, sem todavia olvidar os favores pessoais que recebeu dos vizinhos ascurrenses. A ausência de representante de Ascurra, no Conselho Municipal, conquanto o distrito tivesse um crescimento populacional considerável já naquele tempo, e sua economia oferecendo um dos panoramas mais animadores, contribuindo de modo significativo com suas colheitas abundantes para o próprio progresso e desenvolvimento, e além de ser considerado o maior produtor de arroz em arrozais irrigados do Vale do Itajaí, fora praticamente deixado cair no esquecimento, como não podia ser diferente, pelos demais representantes das povoações subordinadas a Blumenau. Ao verem-se os ascurrenses preteridos de seus direitos, os ânimos começaram a se tornar exaltados, quando começou também a surgir certa rivalidade entre as duas localidades próximas, Ascurra e Rodeio.

O Conselheiro Scoz, por sua vez, sempre ativo e dotado de uma persistência admirável e estribado no apoio significativo dos correligionários — não vamos citar nomes para não cair em omissões — aproveitou a lacuna deixada por Ascurra, no Conselho Municipal, para levar à sua terra, inclusive, os poucos recursos que seriam canalizados à povoação vizinha. Exigia ele, máxime, da Superintendên-

cia, um atendimento imediato nas próprias solicitações, bem como, um trâmite rápido nas suas reivindicações quando submetidas à apreciação dos demais componentes do legislativo. Diante dessas breves ponderações, chega-se à conclusão de que Ascurra, por falta de defensor de interesses da sua gente, não mais pôde dispor dos auxílios municipais a que tinha direito. Rodeio, bem representado, objetivando grandes vantagens nesse período de ausência, acabou por concordar na abolição dos dois distritos administrativos, Ascurra e Rodeio, formando por consequência, o distrito de Arrozal, com sede na povoação do segundo, terra natal de Sílvio Scoz e sob o seu comando. Pode-se admitir que outros fatores tenham contribuído para a extinção dos distritos em referência, levando em conta a pequena arrecadação de tributos etc., todavia, não se concebe que essa hipótese tenha, unicamente, sido a causa primordial. O motivo fora meramente político e, acima de tudo, falta de líderes à altura que representassem e defendessem os interesses políticos e econômicos de Ascurra. Entretanto, desde então, a fusão fora inaceitável, havendo em consequência, forte reação pela população da região ascurrense, haja vista, essa medida ter sido efêmera.

Com o surgimento da Revolução de 1930, o então Interventor Federal, Coronel Aristiliano Ramos, pela Lei nº. 430, de 4 de agosto de 1933, restabeleceu os antigos distritos de Ascurra e Rodeio, abolindo o de Arrozal, tendo sido nomeado no mesmo Ato para Intendente do primeiro, o filho do ex-Professor e Conselheiro, Florindo Isolani, ativo e militante do então Partido Liberal e pessoa de con-

fiança do Interventor, readquirindo Ascurra, a partir desse momento, sua força política junto à administração municipal de Blumenau, e perante as demais regiões a ela subordinadas.

A instalação das linhas de energia elétrica no começo da década de trinta, ao longo da principal rua da sede do distrito de Ascurra até o começo do povoado de Ribeirão São Paulo, deu rápido incremento ao médio Vale do Itajaí e, principalmente, a Ascurra, surgindo desde então, novas pequenas indústrias acionadas a eletricidade. A iluminação pública, em toda a Benjamin Constant, deu vida nova à sede do distrito, cujos encarregados de ligar e desligar a chave interruptora eram dois «BÉPIS», José Bona e José Fava.

Os engenhos de serrar madeiras, de cana-de-açúcar e de mandioca, construídos distantes do centro, ou seja, nas encostas da Serra do Mar, continuaram com roda movida pela água que descia das cascatas e depois em aquedutos até as moendas.

Em 1933, depois de outras ocorridas durante os dois primeiros decênios, o Rio Itajaí voltou a

transbordar, atingindo 11,52m acima do seu nível normal. Os prejuízos causados por esta inundação não foram tão elevados como os das enchentes de 1880 e 1911. Na sequência do roteiro dessas reminiscências, deixamos de registrar os auxílios trazidos à comunidade de Ascurra pelo seu primeiro vigário Padre João Canônico, decorridos dois anos após sua posse, como pároco. Junto ao Governo Provincial, trouxe e distribuiu agasalhos aos flagelados. e na de 1933, os padres salesianos, prestaram relevantes serviços de assistência à comunidade, principalmente, às famílias mais atingidas pelas águas. A população de Blumenau se fez presente prestando socorros, mandando para lá enfermeiras com remédios para as pessoas necessitadas. Auxílios chegaram de todos os municípios vizinhos.

NOTA: Nos próximos números de «BLUMENAU EM CADERNOS»:

Criado o município de Indaial; Ascurra passou a ser distrito desse município e outras reminiscências.

CONHECENDO A NOSSA HISTÓRIA

P. Dr. Henrique Krause

(Transcrito do jornal «O caminho», da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana, edição de Janeiro/Fevereiro - 1992).

A Comunidade leta de Jacu-Açu

Em direção ao lado oposto na linha de Brüdertal e da cidade de Guarimirim situa-se a Comunidade de Jacu-Açu. A igreja se localiza, e a maior parte de seus membros residem na área geográfica do mu-

nicipio de Guarimirim, enquanto que a outra parte dos membros residem no município de Massaranduba.

Jacu-Açu era originalmente uma colônia só de imigrantes le-

tões. Estes vieram da região de Letônia, na Rússia, para Blumenau, e os primeiros deles foram assentados em 1895 na colônia Jacu-Açu. A maioria destas famílias eram batistas e os luteranos eram, conseqüentemente, uma pequena minoria. Estes até se sentiam pressionados em sua fé religiosa pelos batistas. Mais tarde vieram ainda outras famílias de Letônia para Jacu-Açu. No ano de 1897 15 pessoas de confissão luterana se reuniram num rancho para celebrar o seu primeiro culto de leitura, dirigido pelo sr. João Ignowski, dono do rancho.

Já no início de sua instalação na comunidade de Brüdertal, em janeiro de 1899, o Pastor Rösel recebeu uma carta de um senhor de Jacu-Açu, na qual este comunicava que, dentre a grande maioria de famílias Batistas, também se encontravam 18 pessoas pertencentes à confissão luterana. Há três anos estes não teriam mais participado de uma Santa-Ceia. Eles gostariam muito de se ligar à comunidade de Brüdertal e serem atendidos por ele, Pastor Rösel. Por estes imigrantes não dominarem a língua alemã, o autor da carta — não mencionado por Rösel — se dispunha a servir de tradutor nos ofícios e cultos, já que o Pastor, por sua vez, não conhecia a língua deles.

Estas famílias letãs já haviam se dirigido ao Pastor Faulhaber de Blumenau o qual, contudo, se negou a assumir este compromisso. Apesar das dificuldades com a língua, Rösel logo se prontificou a atendê-los e decidiu procurá-los. Dois brasileiros, que através das suas caçadas conheciam a região, mostraram o caminho ao pas-

tor. Em sua companhia ele veio pela Ilha da Figueira até a casa da família de Jacó Feldmann. A notícia da vinda do pastor se espalhou rapidamente entre a vizinhança e todos se juntaram para ver e conhecer o primeiro pastor a visitá-los em sua nova terra.

«No desconhecimento da língua a gente precisa se limitar em todas as celebrações às formas mais necessárias... se bem que eu já comecei a estudar a língua letã. E como o pessoal se alegrou pelas poucas palavras que eu consegui colocar para fora!», escreve Rösel em agosto de 1900. No final do ano de 1900 ele já celebrou um culto totalmente na língua letã. A prédica ele havia deixado traduzir do alemão, como passou a fazê-lo dali em diante. Estas pessoas não poderiam mais ser abandonadas, senão elas iriam cair nas mãos dos Batistas, alertava Rösel. «Eles estão bem satisfeitos com o meu atendimento precário e eu mesmo passei a gostar deles».

No ano de 1901 a comunidade construiu uma casa que deveria funcionar como escola e como igreja. Nela os membros mesmos celebravam cultos de leitura aos domingos e se constituía num importante local de encontro e vivência de comunhão na fé evangélica-luterana, a medida que a comunidade ia crescendo. A cada três meses vinha o pastor Rösel para celebrar os cultos e dirigir os ofícios. Quando em 1902 Rösel se transferiu para Itoupava Central ele continuou a atender a comunidade letã de Jacu-Açu, juntamente com as outras comunidades da região de Itoupava-Massaranduba.

AO REDOR DO DR. BLUMENAU (II)

Theobaldo Costa Jamundá

E uma curiosidade vem à tona com a significação do topônimo «Rio-Morto», bem ali num trecho entre as cidades de Indaial e Ascurra, exatamente, onde as águas do rio Itajaí-açu passam mais que vagarosas como aliviadas do corre-corre nas corredeiras do Saltinho uns quilômetros para trás. «Rio-morto nome antigo na toponomia da Bacia do Itajaí indica a presença de quem dominava a língua vernácula e subindo o grande rio foi marcando lugares como estações para outros caminheiros e outras caminhadas ou mesmo e até para ir e vir conforme a necessidade. É claro que o nome refere o comportamento das águas, mesmo como mais para baixo tem marcado espaço habitado: «Passo-manso» indicando a abrangência de passagem. Pode-se ir à História ou a Geografia através dos topônimos.

E na crônica indaialense (período blumenauense) informa que a crônica relaciona ser antigo o aglomeramento de pessoas e famílias transmigradas do abeiramento do mar para as paisagens do «Rio-morto».

Os chegados antes ou os convidados depois pelo diretor da Colônia de Blumenau, conheceram os que ficaram como das famílias «Catarina», «Simão», «Boaventura». E de certo não ignoraram os da família «Andrade».

Todos e outros misturados entre si estão enovelados no povoamento do território catarinense subindo do litoral para o planalto ou descendo deste, parando ali e acolá, na sina da semente de lugares.

Antecederam o imigrado europeu e ensinaram como conviver com a mata e com rio usufruindo o que estava à disposição.

E nesse subir e descer foram deixando as marcas de povoadores de sertões. Marcas, por exemplo, como aquela de plantar o primeiro cafeeiro doméstico num contraforte do morro do «Selim». — Ali na paisagem onde a mansidão do rio Itajaí-açu influenciou para o lugar ser chamado «Rio Morto». Alguns «Boaventura» nossos contemporâneos de vida indaialense, estufavam o tórax, falando dos antepassados. E com justiça afirmavam realizados, que muito imigrado com eles aprenderam fazeres da vida de todo dia. E vezes e vezes repetia onde a oportunidade era própria, a história fragmentada do transporte do engenho para fazer farinha e açúcar, lá das lonjuras de Camboriú com muita ajuda de Deus, pois, as peças eram grandes e pesadonas. E tudo foi subindo o rio desde pouco para baixo de onde o Itajaí-mirim deságua no Itajaí-açu, até o lugar da Colônia de Blumenau, já antes dela ser fundada, conhecido como «Rio Morto».

Ainda nas décadas de quarenta e cinquenta deste século, num grupo indaialense de lazer, de gente herdeira de pioneiros da Colônia de Blumenau, portadora das descendências de germânicos e italianos, quem era o líder chamava-se Leopoldo Simão, um nativo tido, conhecido e usado pela sabença de brasilidades regionais e com origens perdidas lá no tripé: Carijós, paulistas e açoristas. Tal liderança era praticada na conta

alta das suficiências mostradas nas caçadas de tatu, paca e veado. E também no saber tirar do rio o peixe para o caldo, e ter a farinha de mandioca mais apropriada, e a cachaça mais velha, e saber o ponto em que o caldo ficava pronto.

Saboreando o caldo com o final feliz da pescaria, o grupo funcionava mui cabocadamente, nas madrugadas de fim de semana.

É possível, que disto muita gente não saiba porque não foi interessada em saber, nem relacionou que na Colônia de Blumenau, a cultura dos nativos deu contribuição significativa, como a cultura residual dos Carijós absorvida pelos paulistas como bandeirantes ou como pioneiros, foi significativa para os casais açoristas de 1748 distribuídos como entendeu o Conselho Ultramarino executando a política real de Portugal. Que foi precaução contra a possível expansão dos «espanhóis confinantes» foi e é provado e comentado por cientistas sociais. (Quem puder ler o livrinho de Manuel de Sousa Menezes, Os casais açorianos no povoamento de Santa Catarina, Angra do Heroísmo, Tipografia Andrade, 1952), ilustrar-se-á sobre o assunto, tomado aqui comparativamente.

Só os estrábicos, ideologicamente, políticos vestidos na camisa parda do Nazismo, negaram a evidência do aprendizado com a cultura nativa desde os primórdios da administração do Dr. Blumenau. E tome-se que foi uma das variáveis para a fixação do imigrado na Colônia. Por que também evidentemente, teve lugar certo nas diretrizes colonizadoras e colheu no engº. Emil Odebrecht, ser executor consciente e interessado: 1. Com relações tomadas nas povoações

litorâneas mais conhecidas como açoristas e na realidade continham o cerne catarinense salgado pelo Atlântico; 2. Com relações com as povoações, ao vôo do pássaro, chamadas de «gente-da-serra». — Associe-se que exatamente o engº. Emil Odebrecht foi quem aceitou a trabalhosa missão de abrir estrada carroçável entre a Colônia de Blumenau e o território serrano do município de «Curitibanos» (originado de Lages, SC. a 11.06.1869) - Sobre a estrada da serra suficiências de capacitação e pertinácia do engº. Emil Odebrecht, (criatura nascida no Reino da Prússia a 29.03.1835 e falecida em Blumenau, SC. a 06.01.1912) e entre tantas dignidades portou a de ter sido o primeiro com este nome. que saiu de lá para fazer Brasil na Província de Santa Catarina. E foi ele quem estimulado pelos próprios conhecimentos universitários, somados aos estímulos originados nas idéias de expansão apregoadas pelo dr. Blumenau, um preocupado no viço frutificador da Colônia, operou o projeto efetivador das relações comerciais e outras com as povoações lageanas das áreas conhecidas como curitibanos. (Hoje município de Curitibanos, SC.) (Cf. A revista: «Blumenau em Cadernos», de números: 2, tomo VII/1965; 4, tomo VII/1965; 3, tomo X/1969 e 2, tomo XIX/1978).

Como o dr. Blumenau imaginou lá não se chegou, visto que a ligação com Maфра subindo pelo vale do rio Benedito, só muito depois e muito precariamente, partindo de picadões é que um ou outro corajoso andarilho furador de mato meteu-se por ali. E ainda hoje o tráfego não é de primeira classe.

Não são muitas as pessoas que têm uma visão mais ou menos completa do que se produz em outros Estados brasileiros, ainda mais quando se trata daqueles mais distanciados. Com exceção dos nomes mais em evidência, nem sempre os mais importantes, os demais permanecem desconhecidos do grande público. Quem conhece, por exemplo, os bons escritores de Pernambuco, da Amazônia, do longínquo Piauí? Refiro-me, naturalmente, àqueles que lá permanecem e que não desertaram a Província no rumo do eixo São Paulo-Rio. O mesmo acontece com eles em relação a nós. Creio ter sido essa a razão do interesse despertado por meus livros «O Perto e o Longe» e «Presença de Inojosa», onde procurei abordar autores e obras que conheci em minhas viagens pelo País e tratei de divulgar aqui no Sul. Também nas artes plásticas e nos outros setores da vida cultural isso acontece. Tenho encontrado pintores, escultores e fotógrafos cujas obras muito me impressionaram e no entanto jamais vi qualquer referência a eles fora da imprensa de suas regiões.

Por isso mesmo, mais oportuna não poderia ser a publicação do volume «A. Tito Filho, Incomparável», de autoria de Theobaldo Costa Jamundá (Florianópolis — Editora Canarinho — 1991). Nesse livro o veterano escritor presta justa e merecida homenagem a um homem incansável, que tem dedicado a vida às coisas da cultura e que é efetivamente um líder nessa área em seu Estado, Piauí, e muito conhecido entre as pessoas envolvidas com as letras. Presidente há longos anos da Academia Piauiense de Letras e autor de uma obra bastante vasta, A. Tito Filho muito tem divulgado pelo Nordeste os autores de outras regiões, inclusive de nosso Estado.

Nesse trabalho o escritor catarinense procura fornecer ao leitor uma visão sintética das atividades de A. Tito Filho, traços de sua personalidade e formação cultural. Enriquece-o com inúmeras informações complementares e suplementares, não faltando documentos, fotos, testemunhos e referências, além de elementos colhidos pelo autor em suas andanças. É, enfim, um livro que faltava e esperamos que seja bem divulgado por aqui para que seja possível um conhecimento mais íntimo do grande lutador das letras que é Arimathéa Tito Filho.

X-X-X-X-X-X-X

Foi amargo para nossas artes plásticas o mês de maio. No dia 27 falecia Harry Laus, aos 70 anos de idade, conhecido crítico de artes plásticas e também escritor. Muito grande foi sua contribuição ao setor, não apenas como crítico militante, mantendo por longos anos coluna especializada na imprensa, como dirigindo instituições dedicadas às artes. Toda a imprensa do Estado lhe dedicou grandes espaços.

No dia seguinte, na cidade de Joinville, falecia o artista Luiz Hen-

rique Schwanke, com apenas 41 anos de idade. Reputado o mais importante artista plástico do Estado, sua obra vinha obtendo invulgar destaque, participou com sucesso da Bienal de São Paulo do ano passado com a obra «Cubo de Luz». Tratava-se, segundo a imprensa, de um «cubo de luz instalado em frente ao prédio da mostra, obtendo efeitos surpreendentes e que atraiu a atenção dos visitantes. Ele recorria com frequência a materiais industrializados em suas esculturas». Schwanke vinha sendo cogitado para ocupar a direção do MASC, função antes ocupada por Laus, como se fosse um continuador das realizações deste.

X-X-X-X-X-X-X

Três centenários de figuras destacadas ocorrem neste ano. Nas letras jurídicas comemoram-se cem anos do nascimento de Pontes de Miranda, alagoano, magistrado, diplomata, jurista acima de tudo. Autor de uma obra inigualável, avultando o «Tratado de Direito Privado», até hoje considerado o mais completo e respeitado estudo no gênero, sua palavra poucas vezes deixava de ser definitiva. Covo escreveu o Prof. Pinto Ferreira, «Pontes de Miranda foi o ponto mais alto do Direito brasileiro, não apenas pela precisão dos conceitos, mas também pela grandiosidade de sua obra e a beleza de seu estilo». Era, além de jurista, também escritor, coisa cada vez mais rara.

O segundo a ser festejado é Graciliano Ramos, o mestre Graça. Autor de uma obra muito pessoal e humana, sobre a qual seria pretensão acrescentar meu julgamento depois de tudo que sobre ela tem sido escrito, era um homem que cativava as pessoas, não através de afagos e salamaleques, mas pela postura, coerência e coragem no afrontar os poderosos. Homem sofrido e perseguido, não arredou um milímetro em suas convicções, legando-nos uma obra incomparável, destacando-se a autêntica obra-prima que é o romance «Vidas Secas».

Muito festejado tem sido também o paulista Menotti del Picchia, poeta, contista, ensaísta, crítico e romancista. Um dos precursores do Modernismo, ganhou notoriedade a partir da publicação do poema «Juca Mulato», com o qual quebrou vários tabus e que é hoje uma das obras literárias mais lidas no País, com mais de cem edições publicadas, o que é inédito entre nós. Seu romance «Salomé» foi televisionado pela Rede Globo e inúmeros eventos têm marcado o centenário, à frente dos quais se destaca o escritor Jácomo Mandatto, diretor da «Casa de Menotti del Picchia», da cidade de Itapira, São Paulo.

X-X-X-X-X-X-X

Tomou posse na Academia Catarinense de Letras a escritora blumenauense Urda A. Klueger, ocupando a Cadeira número 2, cujo patrono é Antero dos Reis Dutra. * A Fundação Catarinense de Cultura, agora dirigida pelo escritor Iaponan Soares, está preparando uma edição das Obras Completas de Othon D'Eça. * O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina promoverá entre 1º. e 4 de setembro o

1º. Encontro Catarinense de Micro-História. Informações detalhadas poderão ser obtidas na sede do I. H. G., no Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis.

X-X-X-X-X-X-X

O poeta José Endoença Martins, cada vez mais sintético e preciso na sua irreverência, acaba de publicar o livro «Traseiro de Brasileiro», do qual destaco este poema em gotas:

Brasil
no
Brazil
começa
com arte
e alegria
e
sempre acaba
em ardil.
Contra
o
Brasil.

Nota: Na coluna do mês passado, onde se lê «Adolfo Boss Júnior», leia-se «Adolfo Boos Júnior» (pág. 131). E ao renomado escritor as nossas desculpas.

Reminiscências Históricas em correspondência

Santos, 05 de abril de 1992
Para
Blumenau em Cadernos

Lendo o número de fevereiro 92, as reminiscências publicadas evocaram em mim estas histórias da infância:

Pequenas histórias de uma Grande Guerra

1941

Noite. As sirenes soam, alvo-

roço, as luzes das casas apagam-se quase todas ao mesmo tempo. É o «black-out», treinamento para um remotamente possível ataque aéreo à cidade de Blumenau, como papai explicava. Ele é muito forte e corajoso; vemos com orgulho que pega sua bicicleta e vai fazer a ronda. Foi encarregado de avisar aos que não respeitaram o «black-out» que apaguem suas luzes porque elas vão atrair a pri-

meira bomba do primeiro avião inimigo que aparecesse ali.

As duas crianças da casa confabulam: quem nos atacaria, em nossa casinha de madeira no fim da rua de terra, no bairro Garcia da cidadezinha de Blumenau? Quem seria o inimigo? Que cara tem um inimigo? Feroz, ataca tudo com ódio e mata por prazer? Ou será que ele tem uma cara boa e, se a gente fosse conversar por bem, voltava pra casa com suas bombas? Mas este era um problema para os adultos. As crianças têm muita proteção: um anjo da guarda para quem rezam todas as noites, uma mamãe que lava cozinha, costura, faz pão aos sábados e faz carinho! E um pai mais forte do mundo! Sim, eles iam cuidar do inimigo. Boa Noite!

1944

Noite. Passou o Natal, mas este ano foi diferente. Duas crianças pensam: não tem doces nem árvore, as pessoas só falam dessa guerra que nunca acaba, até o ônibus ficou tão feio com aquele gasogênio! As crianças não têm nem a mamãe, que está deitada na cama com o nenê que o Nicolau trouxe. Mas tem movimento e alegria na casa: Ômama Agnes veio cuidar de nós, papai está muito feliz com o nenê e temos outra visita: um sobrinho da Oma, com óculos de fundo de garrafa e solteirão. (Dizem as tias da família que ele não casa porque é tímido e enxerga mal, não pode trabalhar). Se ele quase não enxerga, como é que lê tanto. É intelectual? Os três estão na cozinha, conversando. Em alemão, porque Oma nem sabe falar o português. No tempo dela as escolas eram alemãs, na Casa Feiter e na Casa Koffke todos atendiam em alemão, a cidade to-

da era assim e falava alemão. Agora, é ilegal falar alemão; mas estamos em casa!

Um susto! Forte batidas na porta, soldados de farda cáqui arrombam e entram, levam presos os três. Cai o mundo, mamãe chora e o bebê também. As duas crianças querem entender por que a família vai pra cadeia, lugar de bandidos, ladrões? Isto não pode ser a guerra! Guerra é bomba, exército inimigo marchando — aqueles soldados, alguns eram nossos vizinhos, conhecidos da rua! Pensei: chorar não adianta, nem ficar com medo. Tenho 12 anos, logo deixo de ser criança (envergonhada reconheci que já tinha até seios!) Vou fazer alguma coisa amanhã. Dormimos os quatro no quarto de mamãe e eu me sentia cuidando deles

No dia seguinte papai não vinha, nem notícias. Para piorar, toda a carne entregue para desossar, pendurada no açougue desde a noite anterior. Era verão, ia estragar. Mamãe desesperava-se: tudo o que temos é para pagar essa carne, se a perdermos, ach Gott. oh yeh! E teve a idéia: vocês dois vão falar com o delegado! Ainda é de manhã, vai dar tempo.

Escorada nos meus 12 anos e no meu irmão de 9, fui firme salvar os parentes e acalmar a mamãe.

Corajosamente, subimos a escadaria do lado esquerdo da antiga Prefeitura, onde ficava a delegacia. Esperamos um pouco e o delegado nos recebeu. Honestamente lhe contamos nossa triste história: mamãe com o nenê na cama, a carne estragando no açougue, papai e Oma presos. Ele ouviu e nos despachou sem emoção, promentendo «ver o caso» e soltou papai depois. Mais tarde,

sempre duvidei que ele tivesse a-creditado: a história era triste demais!

Papai não saiu naquele dia, só no dia seguinte, quando a carne já estava podre!

Ômama ficou de cama em sua casa por algum tempo, curando a revolta, a tristeza, a humilhação.

O primo transtornou-se, não

podia entender, nem aceitar, nem conviver com suas lembranças. Foi ficando esquisito e terminou seu sofrimento nas águas do Ribeirão Garcia, que corria nos fundos da casa de sua mãe.

Anna Maria Koprowski Garcia
R. José Clemente Pereira 22/12
11.070 Santos, SP - Tel. (0132)23-2217

Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (VI)

Pe. A. F. Bohn

(Continuação)

ANO DE 1947

Termo 1: Missa de abertura do ano
Continuação das obras da matriz, em 01.01.

Termo 2: Provisões de vigário e coadjutores, faculdades e capelas (sem data).

Termo 3: Celebração da Semana Santa e procissão do Sr. Morto.

Termo 4: Devoção a N. Senhora no mês de maio e ao Sagrado Coração de Jesus, em junho.

Termo 5: Visita de inspeção canônica de Fr. Ambrósio Joanning, de 14 a 17.07.

Termo 6: Primícias do Pe. Leopoldo Müller, em 20.07.

Termo 7: Visita de D. Pio a Gaspar para inspecionar obras da matriz, em julho.

Termo 8: Viagem dos Srs. Júlio Schramm, Luiz Franzói e do vigário para São Paulo, encomendar os vitrais da nova matriz junto à Cia. Vitório Conrado, em julho.

Termo 9: Chegada dos caixilhos para os vitrais e da estátua de São Pedro a ser colocada no alto da matriz, entre as duas grandes torres. Mede a estátua 3 m e um peso de 1.200 kg.

Termo 10: Celebração do domingo das Missões, em outubro.

Termo 11: Bênção solene da estátua de São Pedro e festa, em novembro.

Termo 12: Permissão para uma procissão em honra de N. Senhora e São Pedro e sua realização em 08.12.

Termo 13: Realização da 1ª. Eucaristia na matriz de 230 crianças, em 28.12.

Termo 14: Rendas das festas de 1947.

ANO DE 1948

Termo 1: Missa de início do Novo Ano, em 01.01.

Termo 2: Transferência do vigário Fr. Godofredo Siebert para Concórdia. Nomeação de Fr. Floriano Moormann, em 12.01.

Termo 3: Festa de São Sebastião, em 20.01.

Termo 4: Chegada do novo vigário, em 14.02. Provisão e posse, em 22.02.

Termo 5: Preparação e celebração da Semana Santa de 1948.

Termo 6: Chegada dos novos vitrais de São Paulo. São encomendados os restantes 7 para o coro dos cantores, na Páscoa de 1948.

Termo 7: Tríduo e festa de N. Sra. da Gruta, em 03.05.

Termo 8: Festejos dos 80 anos de Fr. Solano Schmitt, em 17.03.

Termo 9: Término das missas no salão Cristo Rei, em junho.

Termo 10: Festa de São Pedro. Transferência do altar-mor para a nova matriz. Início do Clube Musical São Pedro.

Termo 11: Festa do Sr. Bom Jesus, em 06.08.

Termo 12: Colocação de um piso de tijolos na nova matriz e confecção dos ferros artísticos para as portas.

Termo 13: Comemoração da Independência com missa, em 07.09.

Termo 14: Festa de São Francisco, em 04.10.

Termo 15: Festa do Clube Musical São Pedro, em 24.10.

Termo 16: Coleta pelas Missões, em outubro.

Termo 17: Passagem da imagem de N. Sra. Aparecida. Congresso Eucarístico de Porto Alegre.

Termo 18: Comemoração do Dia de

Finados com procissão para o cemitério, em 02.11.

Termo 19: Dia das Filhas de Maria, com comunhão geral, em 08.12.

Termo 20: Recepção dos novos congregados marianos, em 12.12.

Termo 21: Jubileu de prata de vida sacerdotal de Fr. Jaconto Bensing, em 23.12.

Missa de Natal, em 25.12.

Termo 22: Missa do Dia de São Silvestre e em ação de graças, em 31.12.

Termo 23: Movimento religioso de 1948: Batizados (601), casamentos (125) falecimentos (91), comunhões (38.100).

Termo 24: Rendas das festas paroquiais de 1948.

Termo 25: Termo de falecimento em 1948 do Sr. Nicolau Miguel Schmitt, primeiro fabricante, benfeitor da paróquia.

(Continua)

Fundação "Casa Dr. Blumenau"

MUSEU DA FAMÍLIA COLONIAL:

Doações — Abril/maio

Através de um trabalho realizado em conjunto com a Sra. Marlen Brodesen e Ellen Vollmer, no sentido de selecionar o acervo particular de Eduardo de Lima e Silva Hoerhan (Pacificador dos Índios da Região do Vale) o Museu da Família Colonial foi premiado com um total de 76 peças que já estão devidamente processados tecnicamente. Entre estas doações estão: Arco/flexas/mantas/botões, rendas, objetos de uso pessoal, fotografias, insígnias etc.

Mário e Erna Torrens: Um armário que após restauro está exposto na sala principal do Museu.

Jaime Grossenbacher: 1 lousa e 9 velas de Lampião.

Auguste Exter: 1 fraque, 1 relógio de bolso, 3 panos de Parede, 1 bolsa etc.. (13 peças).

Hertha Neubarth: Porta colheres de pau — Gravatas, porta toalha, 1 armário

(já foi restaurado) 2 bolsas etc.. (28 peças).

*

ARQUIVO HISTÓRICO JOSÉ FERREIRA DA SILVA

Doações Abril/maio

Fotografias:

Lauro Lara: 162 contendo temas variados (teatro Carlos Gomes/Biergarten Oktoberfest/Prefeitos etc..)

Gilberto Pasta: 91 fotografias referenciando a Estrada de Ferro Santa Catarina. (locomotivas/oficinas/estação férrea etc.)

Foto Dietz: 09 fotografias referentes à visita de Getúlio Vargas a Blumenau.

Lucy Moellmann — 30 fotografias sobre o Centenário de Blumenau.

Marlen Brodesen — 31 fotografias sobre Índigenas da região / Posto Índigena Carnaval — Frauerverein.

Darcy Girardi — 03 fotografias da Rua 15 de Novembro.

Ellen Vollmer — 19 fotografias — Rio de Janeiro/Blumenau Antigo.

NOTAS À HISTÓRIA DE JARAGUÁ DO SUL

Antônio Roberto Nascimento

O Alexandre Padilha, um dos canoieiros da expedição do Cel. Emilio Carlos Jourdan de 1876, não era de origem açoriana, como registrado por Emilio da Silva (Jaraguá do Sul, II Livro, Um Capítulo na Povoação do Vale do Itapocu, 1975, p. 15). Pertencia àquela família curitibana de que tratamos em "Blumenau em Cadernos", Tomo XXVIII/6, edição 366, de junho de 1987 (Os Gonçalves Padilha e sua importância no povoamento catarinense). De feito, vê-se no batismo do filho Cartulino, aos 23.11.1882, nascido aos 11 daquele mês (Registros da Catedral de Joinville), que Alexandre Gonçalves Padilha, morador em Pirabeiraba, era filho de Joaquim Gonçalves Padilha e de Antônia Maria da Conceição, enquanto que sua mulher, Maria Inácia da Conceição, era-no de Antônio Francisco da Silva e de Maria Inácia da Conceição.

Assim, também Jaraguá do Sul pode ser incluída dentre as atuais cidades beneficiadas com o povoamento dos Gonçalves Padilhas.

O Ireno Antônio de Assunção, requerente de terras em 1895 (Cf. Emilio da Silva, ob. cit., p. 63), morava no Cubatão Grande, filho de Antônio José Raimundo e de Thomásia Maria da Conceição, tendo sido casado com Joaquina Eugênia da Graça, filha de José Luiz do Nascimento e de Florinda, consoante o batismo da filha Rosa, aos 13 de julho de 1883 (Registros da Catedral de Joinville). No batismo do filho Antônio, aos 24.6.1880 (id. ib.), seu pai é dado como sendo Antônio Adolfo de Ascensão e ele como morador do Mato dos Boêmios.

O Francisco Joaquim da Rosa, comerciante no Sertão do Itapocu, foi casado duas vezes, a primeira com Thomásia Rosa de Jesus, cujos bens ele inventariou em 1867 (Arquivo Jud. de S. Francisco do Sul), e a segunda com Maria Joaquina da Conceição, inventariante dos bens dele em 1880 (id. ib.), havendo descendência de ambos os leitos. Camila Francisca da Rosa, do primeiro leito, natural da freguesia de Barra Velha, casou no Parati (2º. livro de casamentos da freguesia do Senhor Bom Jesus do Parati), com o luso

Antônio Pereira de Macedo, natural da freguesia de S. Martinho de Mouros, Reino de Portugal, filho de Manoel de Macedo e de Maria Rosa de Jesus, alfaiate em Joinville, com quem teve as filhas gêmeas Elorina e Sebina, batizadas aos 14.9.1881 (Registros da Catedral de Joinville). Camila era irmã germana de Onofre Francisco da Rosa e de outros seis irmãos, além dos quatro do segundo leito de seu pai.

Agostinho Poncio de Oliveira (Cf. Emilio da Silva, ob. cit., p. 268) era neto paterno de Antônio Poncio de Sousa e de Maria Rosa, segundo o batismo da irmã Maria, aos 27.10.1877 (Registros da Catedral cit), nascida aos 19 de setembro daquele ano, quando seus pais são dados como moradores do Bucarein. A avó materna era Maria Rita da Conceição e não figura o avô materno.

A mulher de Alexandre Joaquim Gonçalves Padilha, Maria Inácia de Jesus (v. supra), é dada como natural da Barra Velha e moradora no Itapocu, aos 19.7.1878, quando foi do casamento deles (Registros da Catedral cit.).

Eduardo Krisch, filho de João Krisch e de Joana Laab, casou, aos 17.1.1864, (id. ib.), com Gabriela Krisch, filha de Antônio Krisch e de Ana Romfeld, todos naturais de Romerstadt, Moráveia, Áustria.

Procópio Pereira Lima, morador de Itapocuzinho em 1893 (Cf. Emilio da Silva, ob. cit., p. 113), era filho de José Pereira Lima e de Alexandrina de Oliveira Cercal, tendo casado, em Joinville, por volta de 1904 (Registros da Catedral cit.), com Rita da Rosa, filha de Justino Francisco da Rosa e de Bernardina Vieira da Rosa. Era neto materno de Januário de Oliveira Cercal Sênior, sesmeiro no Parati e, depois, no Cubatão, e de sua segunda mulher.

Alexandre Alves de Siqueira, filho de Salvador Alves de Siqueira e de Ana Rita do Nascimento, naturais de Antonina (PR), localidade de Carniça (Cf. Emilio da Silva, ob. cit., p. 17), morava no Itapocu e foi casado com Eugênia Maria Ignácia,

filha de Antônio Francisco da Silva e de Maria Ignácia da Conceição (v. supra), de acordo com o batismo da filha Maria, aos 22.9.1890 (Registros da Catedral de Joinville).

Bernardo Stamm, o bananicultor do teleférico (Cf. Emílio da Silva, ob. cit., p. 277), tinha 22 anos aos 12.5.1890, era luterano e comerciante, filho de Francisco João Stamm e de Guilhermina Wolf, quando casou com Maria Isabel Gomes, de 16 anos, filha de Francisco Gomes de Oliveira e de Isabel Gomes Vieira.

O Augusto Schulz de 1893 (Cf. Emílio da Silva, ob. cit., p. 89), morador no picadão do Rio da Luz I, parece ser o Augusto Guilherme Júlio Schultz, casado com Henriqueta Dorotéia Baurochs, ambos já finados aos 11.4.1887 (Registros da Catedral de Joinville), quando seu filho Carlos Henrique Cristiano Schultz, morador da Curveta do Parati e com 23 anos, casou com Maria Deolinda de Siqueira, de 24 anos, moradora no mesmo lugar, filha de Antônio de Siqueira, já finado, e de Deolinda Maria Pires. Cremos que há aí equívoco do autor: Alberto por Augusto.

Karl Wachter, ou Carlos Walter, também natural de Romerstadt, Morávia, Áustria, filho de João Wachter e de Joana Broegelmann, foi casado, em segundo leito, com Maria Tomásia da Conceição, natural do Sertão do Itapocu e batizada na Barra Velha, filha natural de Thomás Antônio de Lemos, natural de Guaratuba e assassinado em 1869, e de Joana Rosa de Jesus, batizada em Itapocoróia e abandonada pelo marido luso com três filhos menores. Maria Tomásia era irmã inteira de Ponciano Antônio de Lemos, o sogro do Cel. Procópio Gomes de Oliveira, bem como de Deolinda, mulher do Cap. Manoel Antônio Vieira, filho do Cel. Antônio João Vieira Sênior do Parati. Carlos Walter e Maria Tomásia tiveram dez filhos: José Maria, falecido depois de seu pai; Eduardo Carlos Walter, empregado na Cia. Paulista de Estrada de Ferro em Campinas (SP); Maria Walter, casada com o luso Francisco Maria de Faria Machado, batizado na freguesia de N. S^a. da Assunção da Província do Minho, Bispo de Braga, filho de Sebastião José Faria Machado e de Rosa de Oliveira Machado; Emílio Carlos Walter, casado com Maria Von Krause,

irmã da mulher de Germano Stein Sênior e filha de Otto Bernardo von Krause, professor de primeiras letras, e de Frederica Ziegler; Gustavo Carlos Walter; Adolfo Carlos Walter; Alvim Carlos Walter; Veneranda Maria Walter, primeira mulher de Tito Lívio da Rosa; Vicente Carlos Walter; e Jerônimo Carlos Walter, os dois últimos mortos em pequenos.

Maria Umbelina da Silva (Cf. Emílio da Silva, ob. cit., p. 43), genitora daquele autor, era filha de Manoel Silvestre da Silva e de Bárbara Maria (Maçaneiro) da Conceição, neta paterna de Silvestre Antônio Martins e de Ignácia Francisca de Jesus, de Itapocoróia, e materna de Joaquim Dias da Costa e, ao que supomos, de sua segunda mulher. Dita família Maçaneiro descendia de um espanhol radicado em S. Miguel da Terra Firme, hoje Biguaçu (SC). Joaquim Dias da Costa, batizado aos 31.1.1808, era filho de Pedro Dias da Costa e de Esmênia Maria da Conceição, neto paterno de Salvador Dias da Costa e de Sebastiana Veloso, de Itapocoróia, e materno do luso Caetano José Velho, vereador de S. Francisco do Sul em 1759, e de Domingas Cardoso. Manoel Silvestre da Silva, quando casou com Bárbara, aos 16.4.1857 (Livro n. 3 de casamentos da Penha), já era viúvo de Maria Francisca de Chagas, sua primeira mulher. Maria Umbelina da Silva teve os irmãos germanos: Domingos, batizado aos 18.12.1864 (Livro n. 1 de batismos da Barra Velha), e Madalena, batizada aos 20.12.1862 (id. ib.).

José Alves Pereira (Cf. Emílio da Silva, ob. cit., pp. 173 e ss.), morador no caminho Itapocu-Hansa, onde foi proprietário de engenhos, era filho de João Domingos Pereira e de Águida Maria da Costa, neto paterno de Domingos José Alves Pereira e de Maria Dias do Rosário, moradores no Parati, hoje Araquari(SC), e materno de Antônio da Costa Cidral Neto e de Rosa Antônia da Conceição. Pelo lado paterno, descendia de Pedro Alves Pereira, natural de Iguape, e de Josefa Maria Pires, natural de S. Sebastião, por quem era parente do Padre Joaquim Francisco Pereira Marçal e do Capitão João Vicente Nóbrega Dutra. Já pelo materno, descendia do luso Antônio da Costa Cidral, natural da Vila do Conde, Província do Minho.

Aconteceu...

MAIO DE 1992

— DIA 1º. —

— Com o apoio da Federação Brasileira de Veículos Antigos, Auto Viação Catarinense e Secretaria de Turismo, foi aberto o I Encontro Sul Brasileiro de Automóveis Antigos em Blumenau, cujos veículos circularam pela rua 15 de Novembro, por ocasião do horário do Calçadão, concentrando-se, posteriormente, nas proximidades da PROEB. Foi grande a participação do público, nas visitas ao local, resultando a iniciativa em pleno sucesso.

— O Grupo de Teatro Amador do Centro Cultural 25 de Julho apresentou-se na Colônia de Witmarsun, Paraná, com a peça «Der Fidele Stroh-Witwer».

— DIA 2 —

— No Aéroponto «Quero-Quero» encerrou-se VII Festival Sul-Brasileiro de Aeromodelismo, do qual participaram 118 aeromodelistas exibindo alguns aparelhos equipados com a mais alta tecnologia. — Na Rua João Paulo I, instalou-se o Projeto Arte na Rua, promoção do Departamento de Cultura da Fundação «Casa Dr. Blumenau» e teve o apoio da Escola Básica Municipal «Adelaide Starke» e Associação de Moradores São Bernardo. A promoção foi muito bem recebida e aplaudida pela população local.

— DIA 4 —

— Em comemoração aos «500 anos de América — Uma Crítica da História», foi aberta, em concorrida solenidade, a exposição de arte plástica e que teve lugar na Biblioteca Central «Martinho Cardoso da Veiga», da FURB. — Foram iniciados os trabalhos de retificação, alargamento e limpeza do ribeirão da rua Gustavo Meyer, no bairro Garcia, cuja obra, após concluída vai resolver os problemas de inundações que periodicamente ocorrem naquela área. — Dentro da campanha de vacinação contra sarampo, em Blumenau, já haviam sido vacinadas até esta data, 22.925 crianças, da meta a ser alcançada de 63.657 previstas.

— DIA 7 —

— O governador Wilson Kleinubing esteve em Blumenau assinando vários convênios com a Prefeitura e presidiu a solenidade da pedra fundamental da construção da Ponte do Tamarindo, tendo para tal assinado a documentação para o início das obras. Também participou da inauguração de duas novas escolas para Blumenau. — «Hella Altenburg» e «Gustavo Richard», assim como a pavimentação das ruas Henrique Reif e Bruno Schreiber. — No Auditório do Departamento de

Cultura da Fundação «Casa Dr. Blumenau», foi aberto o I Fórum Blumenauense de Teatro.

— DIA 9 —

— No Centro Cultural 25 de Julho, em comemoração ao Dia das Mães, realizou-se o cumprimento de um agradável programa cultural, com a participação do Coral Misto 25 de Julho, regência de J. A. Santana, e do Coral Masculino Liederkranz, sob a regência de Erwin Knaesel, além da apresentação do Grupo Infantil de Danças.

— DIA 11 —

— No Anfiteatro do Bloco E., da FURB, realizou-se, às 19,00 horas, uma palestra proferida pelo Prof. Francisco Alencar sobre «História do Brasil e América x Livro Didático». — A imprensa destaca a conquista de Blumenau, no campo de turismo, por ocasião da VII Festa do Troféu Clubes da Cidade, realizada em Ribeirão Preto, S. Paulo. Blumenau foi a única cidade do sul do Brasil a receber o troféu «Interior de Turismo», escolha feita por agentes de viagens naquele conclave.

— DIA 15 —

— Sob a animação musical do Conjunto Musical «Golden Boys», o Bela Vista Country Club promoveu o Baile dos Anos 60, que esteve concorridíssimo. Sucesso absoluto.

— DIA 19 —

— No saguão da FURB, realizou-se a solenidade de abertura da exposição de pintura e escultura dos alunos do Atelier Livre de Arte, Os cursos foram ministrados pelas professoras Lygia Neves (pintura) e Rosa Hernandez (escultura). Os artistas convidados foram: Tadeu Bittencourt, Paulo Cecconi e Edson Farias. — O noticiário da imprensa (JSC) destaca um fato inédito ocorrido no presídio de Blumenau: alguém deixou, para ser entregue a um ou alguns prisioneiros, uma tainha recheada com maconha, dentro de um saco plástico, que continha ainda café, arroz e açúcar.

— DIA 21 —

— Com a presença do prefeito Victor Sasse, descendentes do cientista e outras pessoas convidadas, realizou-se a solenidade de homenagem à passagem dos 90 anos do falecimento do cientista, Dr. Fritz Müller. A homenagem teve lugar junto ao túmulo do cientista, no cemitério evangélico do centro.

— DIA 23 —

— Na rua Daniel Pfaffendorf, bairro Vila Nova, foi inaugurada a sede própria dos aposentados de Blumenau. O prédio abriga instalações administrativas, auditórios, sala de enfermagem e gabinete odontológico.

— DIA 26 —

— No Teatro Carlos Gomes realizou-se a solenidade de abertura da FEBRAERO-92, que representou o maior evento da América Latina, reunindo, pilotos, técnicos, empresários e autoridades. A FEBRAERO incluiu no evento, a III Feira Internacional Aeroagrícola, I Feira Brasileira de Aviação, III Congresso Latino Americano de Aviação Agrícola e o IV Encontro Técnico de Aviação Agrícola.

— DIA 29 —

— Promovida pela Fundação Indaialense de Cultura, realizou-se, na sala de Exposições daquela entidade cultural da vizinha cidade, à rua Dr. Blumenau nº. 5, a solenidade de abertura da amostra de bordados de Indaial. O acontecimento foi muito concorrido.

— DIA 30 —

— Na Biblioteca Central «Martinho Cardoso da Veiga», da FURB teve lugar o coquetel de abertura da VII Bienal de Arte Fotográfica Brasileira, uma promoção da Confederação Brasileira de Fotografia e Cinema, Foto Clube de Santa Catarina e da FURB.

— DIA 31 —

— No Centro Cultural 25 de Julho, realizou-se a abertura do Encontro de Cantores da Liga Cultural e Recreativa do Vale do Itajaí, no qual apresentaram-se 15 corais, representando as cidades de Blumenau, Itajaí, Guabiruba, Timbó, Ibirama, Presidente Getúlio, José Boiteux, Agrôlândia e Trombudo Central. — Brusque a cidade «Berço da Fiação Catarinense», destacou com os **merecimentos** desejados, a passagem do Centenário de instalação da primeira indústria têxtil, a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux, ocorrida no dia 11 de março de 1892. Em outro local, estamos publicando matéria com ricos detalhes históricos.

— DIAS 28, 29, 30 —

— Blumenau e o Vale do Itajaí viveram mais um terrível drama, consequência das violentas enchentes que ocorreram no Vale, tendo o Itajaí-Açu transbordado, invadindo milhares de residências e causando os mais lamentáveis estragos e prejuízos à população em geral. Milhares de pessoas foram expulsas de suas casas. O acontecimento teve como destaque, a ação eficiente dos núcleos de defesa civil em todo o vale e as ações de solidariedade dos que não foram atingidos, em favor dos flagelados. O drama vivido pelos catarinenses em geral, já que todo o norte e o oeste também sofreu grandemente, reviveu o ocorrido nos anos de 1983 e 84. A imprensa, principalmente os jornais naqueles dias terríveis, trazem detalhes tristes das horas difíceis vividas pela população das cidades invadidas pelas águas.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

89015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO DELIBERATIVO: Presidente — Aiga Barreto Mueller Hering

Vice-Presidente — Friederich Ideker

CONSELHEIROS — Dinorah Krieger Gonçalves — Noemi Kellermann —
Frederico Kilian — Lindolf Bell — Manfredo Bubeck
— Hans Prayon — Lorival Harri Hübner Saad — Frank
Graf — Hans Martin Meyer

DIRETORIA

Presidente — Frank Graf

Diretor Administrativo-Financeiro — José Gonçalves

Diretor de Cultura — Ana Luiza Holzer B. Schulz

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM, ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA